

QUILOMBISMO EM QUESTÃO: O SABER EM AÇÃO

Kleber Ferreira Costa¹
Dinani Gomes Amorim²
Odair França de Carvalho³

RESUMO

A luta pela identidade de um núcleo cultural quilombola é marcada pelo enfrentamento ao racismo estruturante e epistêmico com viés sexista. Nesse cenário, este artigo objetiva identificar as reações e as relações do quilombismo à existência da comunidade quilombola, pela luta e fortalecimento da existência dos descendentes negro-africanos. O arcabouço teórico tomou por base as reflexões de Nascimento (2002) sobre o quilombismo; de Sodré (2005) sobre cultura; de Hall (2013) sobre identidade; de Gonzalez (1984) sobre racismo e sexismo na cultura brasileira, entre outros. Enquanto aspecto metodológico, utilizou-se da pesquisa bibliográfica com aspectos da revisão sistemática da literatura com pesquisa nos acervos digitais da SciELO, CAPES e do Programa de Pós-Gradua o em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoH da UNEB. Como conclusão da pesquisa, fica evidente que são as a es de enfrentamento junto a forma o integral e cooperativa que fazem do núcleo cultura quilombola um espaço de organiza o e preserva o cultural que pelo processo de educa o comunitária descoloniza forças conservadoras ocidentais para abrir espaço para a cultura local das comunidades quilombolas.

Palavras-chave: Quilombismo, Saber em a o, Identidade, Preserva o cultural.

INTRODU O

Com base no documento da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discrimina o Racial, Xenofobia e Outras Formas de Intolerância, reunidos em forma de livro na obra O QUILOMBISMO: Documentos de uma militância pan-africanista (NASCIMENTO, 2002), percebe-se que: 1) a discrimina o e a desigualdade se mant m de forma mais acentuada nas regiões mais pobres, onde a popula o negra   majoritária; 2) temos sido obrigados a esquecer durante muito tempo nossa história e nossa condi o de afrodescendente; 3) na América Latina se pratica a discrimina o racial de maneira mascarada, sutil, aberta ou

¹ Professor assistente da UPE *campus* Petrolina e doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da UNEB (PPGEcoH).

² Doutora em Ciências da Computa o e Matemática Computacional. Professora do PPGEcoH - UNEB. Juazeiro - BA, Brasil. dimorin@uneb.br

³ Doutor em Educa o. Professor da UPE. Petrolina – PE, Brasil. odair.carvalho@upe.br

encoberta e por fim, 4) tal discriminação utiliza as diferentes tonalidades de cor epidérmica do negro como mecanismo para conseguir que o homem negro desapareça através da ideologia do branqueamento como busca do homem ideal, no esforço de obter melhores condições de vida e que com este mesmo mecanismo, se destrói a solidariedade política, econômica, religiosa e familiar dos grupos negros.

Por essas afirmações, o recorte desse estudo se mostra relevante, pois além de questionar a forma de como essa sociedade afeta o ecossistema de uma comunidade quilombola, quebrando o vínculo cultural e fragilizando os sistemas identitários de um povo em função dos mecanismos das sociedades globalizadas em transformação, também se utiliza de estratégias de educação não formal que fortalece os elos entre a organização do núcleo cultural da comunidade e a cooperação do grupo pela resistência da memória cultural.

Dessa maneira, esse artigo busca responder a seguinte questão-problema: De que forma o núcleo cultural se organiza para manter seus ideais de preservação cultural e de identidade? Uma investigação que objetiva identificar as reações e as relações do quilombismo à existência da comunidade quilombola, pela luta e fortalecimento da existência dos descendentes negro-africanos.

Do ponto de vista metodológico, utilizou-se da pesquisa bibliográfica com aspectos da revisão sistemática da literatura para se apoiar em saberes e ações que revelam a resistência e a cooperação para manter viva as comunidades quilombolas.

METODOLOGIA

Este estudo utilizou-se de uma abordagem qualitativa, que possibilita ao pesquisador buscar a essência dos documentos analisados e, de forma indutiva, fazer interpretação do tema em estudo. Conforme Silveira e Córdova (2019, p. 32), “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Para tanto, as informações que foram objeto de análise desta pesquisa foram colhidas através da apreciação bibliográfica, mais especificamente da análise de artigos publicados em acervo digital que corroboram com a temática em observação.

Portanto, o método de análise para execução desse trabalho foi descritivo, com a realização de coleta de dados bibliográficos, em fontes secundárias, para investigar as relações conceituais já divulgadas e disponibilizadas em artigos especializados. Desse modo, a coleta foi pautada na busca por enfoques diferentes a fim de que a análise possibilitasse a reflexão

sobre os diversos aspectos que envolvem o tema: Quilombismo em questão: o saber em ação. Os acervos digitais consultados foram: SciELO (Scientific Electronic Library Online), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o acervo do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoH da UNEB (Universidade do Estado da Bahia), com pesquisas de curso de pós-graduação de mestrado.

A fim de especificar o tema, utilizou-se dos seguintes descritores: núcleo cultural; preservação cultural; identidade; comunidade quilombola; educação não formal. A pesquisa concentrou seu escopo nos anos de 2016 a 2021, considerando publicações a partir do início de instalação do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - PPGEcoH, em 2016, no Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais/*Campus* III - Juazeiro até a realização deste artigo em 2021.

A busca foi realizada no campo “por assunto”, e foram feitas três buscas nos referidos acervos, seguindo a mesma estrutura. A primeira, utilizando as palavras-chave “Núcleo cultural”, “Comunidades quilombolas” e “Educação não formal”, com a ajuda do operador *booleano* “AND”; A segunda busca foi com a proposição “Identidade”, “comunidade quilombola” e “Educação não formal”; A terceira busca, portanto, foi a mais específica, nesta foi utilizada a proposição “Identidade e Comunidade quilombola”. As palavras e proposições foram escolhidas com o objetivo de encontrar trabalhos relacionados às reações e as relações do quilombismo à existência da comunidade afrodescendente.

Para os critérios de inclusão, foram considerados os artigos revisados por pares, data de publicação delimitando pesquisas de 2016 a 2021, e o idioma português pela a sua abrangência. Foram excluídos os trabalhos que não tratavam sobre identidade cultural das comunidades quilombolas e resistência, e os publicados antes de 2016. Assim, 12 artigos encontrados na SciELO com descritores Identidade e Comunidades quilombolas, usando como filtro: Coleção: Brasil; Periódicos: todos; Idioma: Português; Ano de publicação: todos; Área temática: Ciências Humanas; Área temática: Multidisciplinar; Tipo de literatura: Artigo. No entanto, pelo ano de pesquisa, apenas 5 foram considerados.

CULTURA E IDENTIDADE: RESISTÊNCIA NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

A classe dirigente e seus porta-vozes teóricos – historiadores, cientistas sociais, literatos, educadores, e outros afins – formam uma consistente aliança a qual tem exercido, há séculos, a prática e a teoria da exploração dos africanos e seus descendentes no Brasil (NASCIMENTO,

2002, p. 116) através de pesquisas, dados, documentos, leis produzidas, porém sem eficácia diante do abismo que separam ainda brancos e negros nesta sociedade.

Se o escravagismo⁴ tentou destruir a cultura, a luta e a terra do negro africano em função da exploração desenfreada do trabalho escravo, criou também um sentimento social marginal de não aceitação da cor, da raça, da religião, da dança e do jeito de ser da cultura negra que documento nenhum estabelece diálogo senão com apoio de políticas públicas eficientes de combate ao racismo, à discriminação racial, à xenofobia e outras formas de intolerância.

Dizer que é miscigenado é dizer que é misturado ou mestiço, o dicionário *on-line Google* explora esse significado, porém tal significado se reveste de concepções que merecem ser esclarecidas:

[...] miscigenação em termos de encontro espontâneo e livre fusão entre pessoas de origens diferentes é uma coisa; outra bem diferente é aquela miscigenação que começa com o estupro brutal do branco contra a mulher negra escravizada, e tem prosseguimento na discriminação étnico-social contra o afro-brasileiro, tão mais definitiva quanto mais perto ele está de suas origens raciais, na cor da pele e outros atributos somáticos e culturais (NASCIMENTO, 2002, p. 121).

Observando esse conceito, historicamente, a segunda concepção de miscigenação sempre esteve presente em nossa sociedade, pois de forma brusca, rompe com os direitos humanos, fincando o “estupro brutal”, querendo branquear a aparência da população brasileira (NASCIMENTO, 2002, p. 121) sem valorizar sua natureza, sua espiritualidade e sua identidade, como se a escravidão tivesse sumido, pelo contrário, o sistema escravocrata não existe no papel, porém sua sombra persiste fortemente e ameaça se não houver resistência.

Assim, romper com essa visão eurocêntrica de branquear a sociedade brasileira se faz necessária e ganha força pelo reconhecimento das identidades negras que avançam com autonomia pelos movimentos sociais, pelas lutas, pelas organizações sindicais e pelos quilombos que quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial (NASCIMENTO, 2002, p. 348).

Portanto, o quilombismo é o movimento que fortalece a luta pela existência dos descendentes negro-africanos, não pela extinção como socialmente é violentada verbal e física, mas pela interação das diferenças entre as culturas e identidades. Dessa forma, mesmo que seja um movimento em articulação, porque precisa justamente da formação continuada e não formal, além de políticas públicas eficazes, seus princípios e propósitos, segundo Nascimento (2002, p.

⁴ Sistema governamental que se baseia na prática da escravidão.

369), revelam que há algo que precisa ser feito para preservar a natureza, a cultura e a experiência negra afro-brasileira.

No entanto, para preservar, primeiro é importante compreender o conceito de cultura, pois sem esse fundamento se perde a relação cultura e identidade. Para os antropólogos, cultura já não é mais a tradição transmissível de comportamentos aprendidos, mas um complexo diferenciado de relações de sentido, explícitas e implícitas, concretizadas em modos de pensar, agir e sentir. (SODRÉ, 2005, p. 12). Nesse conceito, vê-se que a cultura admite uma relação de valor simbólico com o imaterial. Diferente do conceito ocidental que concebe cultura como produção, em que o material simbolizava mais que o sentimento pelas relações sociais estabelecidas em um território.

Sodré (2005, p. 12) reflete ainda que “dentro ou fora do discurso antropológico, a palavra cultura relaciona-se com as práticas de organização simbólica, de produção social de sentido, de relacionamento com o real”, isso dialoga com o conceito de *território* apresentado por Coelho Neto (2013, p. 30) como “formas socialmente construídas e a partir de uma perspectiva relacional”. Nesse diálogo, perpassa a produção construída socialmente pela relação com o real, material ou imaterial, que gera sentimento, respeito, revelando a identidade, porque cultura é o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global (HALL, 2013, p. 148).

Isso tem a ver diretamente com a forma de organização social entre os homens com o meio, pois ao revelar “a organização geral em um caso particular” (WILLIAMS, 1965 *apud* HALL, 2013, p. 149), ou seja, o que alguém realiza individualmente faz relação com o social, essa relação identitária, é a cultura, desse modo, “a análise da cultura é, portanto, a tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos” (p. 149), por isso, é importante especificar a forma dessa organização para poder entender as comunidades quilombolas e sua identidade cultural.

Referindo-se à identidade, Hall (2013, p. 94) a define da seguinte forma: “todos os termos da identidade dependem do estabelecimento de limites – definindo o que são em relação ao que não são”, isso conduz a uma reflexão que não se pode compreender a identidade apenas por pertencer a um grupo social. Esse reconhecimento identitário surge através do conflito de si com o outro, pois é nesse olhar da diferença que a identidade se apresenta.

Assim, “cada identidade, portanto, é radicalmente insuficiente em termos de seus *outros*” (HALL, 2013, p. 95), justamente porque precisa dele (do outro) para poder se perceber ou se completar, já que é insuficiente. O que dialoga com Laclau (1996 *apud* HALL, 2013, p. 95), quando, pela perspectiva do deslocamento do ser, explica que “isso significa que o

universal é parte de minha identidade tanto quanto sou perpassado por uma falta constitutiva”, que precisa conflitar e resistir para preencher o vazio chamado identidade.

Persistir, porém, através da organização dos núcleos culturais quilombola, parece ser o caminho para cultivar a vivência, a memória e a identidade desse povo, pois formar os quadros do quilombismo é tão importante quanto à mobilização e a organização da comunidade negra (NASCIMENTO, 2002, p. 358). Isso é motivo de resistir unindo o saber em ação oriundo dessa organização com a real luta pela preservação cultural quilombola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como é um recorte de uma investigação, neste artigo apresentamos os dados referentes à Preservação cultural e identidade – considerando articulação, formação, saberes e ações.

Ao analisar a forma de organização para manter os ideais de preservação cultural e de identidade das comunidades quilombolas, chama a atenção nos artigos selecionados, o valor que é dado a práticas de “manutenção de identidades racionalizadas, étnico-culturais e religiosas” (HALL, 2013, p. 73), uma vez que só pela autocompreensão dessas comunidades pela sua identidade, pelo respeito à sua cultura é que se chega a preservar resistindo. Na dissertação Identidade de uma comunidade quilombola em associação com a pesca artesanal, de Costa (2018) é visível essa relação que Hall (2013) aponta, pois a dissertação apresenta o cotidiano da pesca artesanal o qual se apresenta por uma dinâmica diversa que dá características ao pescador, o que se reflete em suas experiências cotidianas pela sobrevivência, obtendo aí, uma identidade sociocultural.

Isso também é presente em O processo educativo do jongo no quilombo machadinho: oralidade, saber da experiência e identidade, de Costa e Fonseca (2019), a qual aponta para a preservação de uma tradição cultural que afirma, constrói e significa uma identidade negra positiva, consciente e crítica através do processo de reorientação do modelo de educação escolar e implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, reafirmando esse laço de manutenção da comunidade quilombola.

No artigo A Psicologia no Contexto das Comunidades Tradicionais: da Emergência Étnica à Perspectiva Ético-Estético-Política, de Félix-silva *et al.* (2019), a voz da mulher quilombola ganha espaço através da identidade que se configura na produção de subjetividade das mulheres quilombolas marcadas pela sororidade e interseccionalidade, ou seja, o trabalho de não julgar a outra mulher (sororidade) dar força à luta feminina ao ponto de ela se sobrepôr socialmente, afirmando-se enquanto mulher, negra e protagonista de sua história (interseccionalidade).

Esse diálogo também é estabelecido em *Identidades quilombolas: políticas, dispositivos e etnogêneses* de Felipe e Sebastião (2017), que discute a compreensão histórica da organização quilombola; a discussão sobre as políticas afirmativas direcionadas aos quilombolas; a proposta de funcionamento da cultura e do território como dispositivos étnico-comunicacionais e a etnogênese que seria a construção fraternal da autoconsciência de uma identidade coletiva para fins políticos perante um Estado opressor.

Esses dois artigos anteriores fazem uma relação com o saber político e histórico, aquele que nasce do engajamento, da formação pessoal para se obter o empoderamento. Essa discussão vai de encontro com o pensamento de Luiza Bairros (1995) quando em sua obra *Nossos Feminismos Revisitados* apresenta, a partir da revisão histórica do feminismo, a necessidade de potencializar afirmativamente através de reflexão e da ação política ações que envolvam o reconhecimento pela multidimensionalidade (raça, gênero, classe social, orientação sexual) que se entende esse mosaico.

Em *Quilombos e Educação: identidades em disputa*, de Miranda (2018) que discute as identidades quilombolas em interface com a educação escolar; *Confronto entre educação quilombola e educação regular*; Também presente em *Educação para a emancipação: O território quilombola como “lugar de memória” e identidade étnico-cultural* de Lacerda (2020), que discute a educação escolar dentro de seus territórios pode ser um instrumento que auxilia para a afirmação da identidade quilombola, e ainda em *Comunidade Barroso (Camamu - BA) pós 2008: a certificação e a nova configuração de quilombo*, de Cruz Moy *et al.* (2016) quando o conhecer de como os estudantes expressam sua identidade na escola e analisar de que forma as relações estabelecidas na escola influenciam na construção identitária das crianças, são manifestações da educação entendido como mecanismo de preservação da identidade cultural de cada comunidade.

Nesses artigos citados anteriormente, a luta pela educação quilombola, de fato quilombola, com direito à cultura e à ancestralidade, dá-se pela resistência ao currículo nacional para inserir a cultura local. Para Hall (2013, p. 61) seria “o fim do velho sistema imperial europeu e das lutas pela descolonização e independência nacional”, ou seja, seria entender o princípio educacional dessas comunidades como um espaço de resgate, preservação e afirmação da cultura quilombola.

Outro ponto que chama a atenção, são as festas religiosas e a participação das crianças, já como iniciação, nesses rituais, presentes em Festa e fronteira: as celebrações intersticiais do quilombo de Conceição das Crioulas, de Águas (2018) que discute o fenômeno tipicamente fronteiro, em termos intra e interculturais, sinalizando para o papel da festa para a manutenção

dos elos identitários e para a negociação e afirmação perante o “outro”; Da mesma forma na dissertação de Santos (2018), com o título Crianças nos terreiros de candomblé do sertão, momento em que a participação de crianças em rituais religiosos assume uma particular condição de interação social, cultural e educativa que impreterivelmente relaciona a moralidade, a ética e o respeito.

Para esse processo formativo integral, que nasce no chão do quilombo como espaço de cultura, Gomes (2003, p. 81) reflete que

A educação pode desenvolver uma pedagogia corporal que destaque a riqueza da cultura negra inscrita no corpo, nas técnicas corporais, nos estilos de penteados e nas vestimentas, as quais também são transmitidas oralmente. São aprendizados da infância e da adolescência. O corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza, e não de inferioridade.

Também é visível a preservação dessa identidade a partir dos povos de terreiro que se materializa fortemente na dissertação Povos de terreiro, ancestralidade, corpo e território: meio ambiente integro como direito fundamental, de Silva (2020), na qual a importância das pesquisas científicas voltadas para os povos de terreiro no sertão nordestino destacam que a relação com a ancestralidade, o corpo e o território contribuem na promoção de um meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Por último, a dissertação de Nascimento (2018), intitulada Os quilombos como novos nomos da terra, que discute a resistência ao capitalismo, apontando para criação de novos nomos, isto é, novos espaços autônomos de construção de cidadania plena, apresenta o quilombo como espaço de resistência. Essa resistência tem a ver com o descolonizar, o educar para a preservação da cultura local que precisa de ações afirmativas e de luta social.

Assim, a identidade se constrói enquanto proposta educativa pela expressão e pedagogia do corpo e vestimentas, que nasce do envolvimento com os saberes que estão em ação se manifestando em rituais, festas, terreiros, simbolismos que dialogam com o espaço de territorialidade já refletido anteriormente quando une elementos do material com o imaterial promovendo a cultura identitária das comunidades quilombolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resistência para manter viva a memória da comunidade quilombola é construída por lutas sociais em diferentes aspectos que perpassa por discussão que vão desde a organização política até a formação de liderança. Desse modo, para identificar as reações e as relações do

quilombismo, enquanto luta e fortalecimento da história social dessas comunidades afrodescendentes, foi necessário a revisão sistemática da literatura que pudesse se tornar mais específica quanto a identidade destas comunidades.

Assim, a preservação cultural e a memória desses povos, a forma do fazer diário como a prática da pesca reflete ações socioculturais que identificam a cultura local. Também é perceptível a forma de reorganizar o currículo local para inserir a cultura da comunidade com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar quilombola. Outra forma de preservação é registrada pela voz feminina que se une para manter os ideais da comunidade a partir do saber político e histórico como ação afirmativa. Da mesma forma, observa a inserção de crianças aos rituais de terreiro como forma de cultivar, desde cedo, o valor pelas tradições que integram corpo e espírito, rituais e dança para expressar o valor pela territorialidade subjetiva.

Portanto, são ações de enfrentamento junto a formação integral e cooperativa que fazem do núcleo cultural quilombola um espaço de organização e preservação cultural que pelo processo de educação comunitária descoloniza forças conservadoras ocidentais para abrir espaço para a cultura local das comunidades quilombolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SANTOS, Raphael de Souza . DOS SANTOS FREITAS, Karolayne Nunes. O direito como instrumento de preservação cultural: uma análise sociojurídica do reconhecimento da comunidade quilombola de Vargem Comprida (BA) como terra remanescente de quilombo. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, 2021, Vol.8. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ARENDDT, H. Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2009. In: COELHO NETO, Agripino Souza. Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder. **Revista GEOgraphia**, v. 15, n. 29, p. 23-52, 2013.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. Universidade Estadual de Michigan. **Revista Estudos Feministas**. V .3 n. 2. 1995.

BONNEMAISON, J.; CAMBRÉZY, L. Le lien territorial: entre frontières et identités. *Geographies et cultures*, Paris: L.'Harmattan, n. 20, 1996. In: HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

COELHO NETO, Agripino Souza. Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder. **Revista GEOgraphia**, v. 15, n. 29, p. 23-52, 2013.



COSTA, Adrielle Cristina de Souza Costa. Identidade de Comunidade Quilombola em Associação com a Pesca Artesanal 2018. **Dissertação** (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental). Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2018.

COSTA, Rute Ramos da Silva; FONSECA, Alexandre Brasil. O processo educativo do jongo no quilombo machadinho: oralidade, saber da experiência e identidade. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 40. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/es0101-73302019182040> Acesso em: 15 nov. 2021.

CRUZ MOY, Emily Alves . QUERINO DA SILVA, Flavia . LEAL BARBOSA, Ana Angélica. Comunidade Barroso (Camamu - BA) pós 2008: a certificação e a nova configuração de quilombo. **Revista ODEERE**, Vitória da Conquista, 2016 (1), p.214-231. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscarador-primo.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FÉLIX-SILVA, Antonio Vladimir; SOARES, Gabriela Pinheiro; SANTOS, Ana Caroline; RIGOTI, Lara Mendes Braga; NASCIMENTO, Maria Valquiria Nogueira. A Psicologia no Contexto das Comunidades Tradicionais: da Emergência Étnica à Perspectiva Ético-Estético-Política. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39 n. (spe) • 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222599>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FERNANDES, Saulo Luders. GALINDO, Dolores Cristina Gomes. VALENCIA, Liliana Parra. Identidade quilombola: atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no agreste de alagoas. **Revista Psicologia em Estudo**, Campinas, v. 25, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.45031>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales; EITERER, Carmem Lúcia; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Raça e gênero na construção de trajetórias de mulheres quilombolas. **Revista Estudos Feministas** 2020, **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n363121>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. **Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação**. *Logeion: Filosofia da informação*, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835/4187> Acesso em: 02 nov. 2021

GIBSON Cunha, Felipe. GUILHERME ALBANO, Sebastião. Identidades quilombolas: políticas, dispositivos e etnogêneses. *Latinoamérica*. **Revista de Estudios Latinoamericanos**, 2017, Vol.64 (64), p.153-184. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscarador-primo.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GOMES, Nilma Lino. Cultura Negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GONÇALVES, Maria Elizabeth Souza . As lutas das mulheres de Lage dos Negros na cartografia social, política e ambiental : feminismo descolonial em ecologia humana. 2018.



Dissertação (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental). Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa....

Revista Ciências Hoje, Anpocs. São Paulo: 1984.

HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 2ª Edição.

HAESBAERT, R. O Mito da Desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004. In: COELHO NETO, Agripino Souza. Componentes definidores do conceito de território: a multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço-poder. **Revista GEOgraphia**, v. 15, n. 29, p. 23-52, 2013.

LACERDA, Nayara Ferreira. Educação para a emancipação: O território quilombola como “lugar de memória” e identidade étnico-cultural. **Revista Mosaico** (Rio de Janeiro), 2020, Vol.12 (18), p.52-69. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscarador-primo.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

LACLAU, E. Emancipations. London: Verso, 1996. In: HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 2ª Edição.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. – 8. ed. – São Paulo : Atlas, 2017.

MARINHO, Thais Alves. Territorialidade e cultura entre os Kalunga: para além do culturalismo. **Revista Caderno CRH**, Salvador, v. 30, n. 80, maio 2017, Páginas 353 – 370 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-49792017000200009>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MIRANDA, Shirley Aparecida de. **Quilombos e Educação: identidades em disputa**. Educar em revista, 2018, Vol.34 (69), p.193-207. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscarador-primo.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

NASCIMENTO, Luiz Eduardo Gomes do. Os quilombos como novos nomes da terra. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental). Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista** _ 2a ed. _ Brasília/ Rio de Janeiro: Fundação Palmares/ OR Editor Produtor, 2002. 362 p.

NETO, Nirson Medeiros da Silva. SANTOS, Alessandro de Oliveira dos. Justiça restaurativa e conflitos sociais envolvendo comunidades tradicionais na Amazônia brasileira: um estudo de caso no município de Santarém, Pará. **Revista ciências da sociedade**, 2018-08-24, Vol.2 (3), p.238-259. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscarador-primo.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.



PEREIRA DA SILVA, Ioná. Povos de Terreiro, Ancestralidade, Corpo e Território: Meio ambiente Integro como Direito Fundamental. 2020. **Dissertação** (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental). Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2020.

PIMENTEL ÁGUAS, Carla Ladeira. Festa e fronteira: as celebrações intersticiais do quilombo de conceição das crioulas. **Revista de história das idéias**, 2018, Vol.35, p.463-478. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-prim.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RODRIGUES, Isabael Cristina França dos Santos. Escolas de ontem e de hoje na Amazônia paraense: Fissuras em prol das aprendizagens e da Formação docente. **REMATEC**, 2020, Vol.15 (33), p.224. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-prim.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SANTOS, Robson Marques dos. Crianças nos Terreiros de Candomblé do Sertão. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental). Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, 2018.

SANTOS, Saulo Ribeiro dos. LUCAS LEITE, Angela Roberta. DA CONCEIÇÃO ROCHA, Aurea Helena. DE SOUZA BARBOSA, Gabriela. Possibilidades e realidades em comunidades Quilombolas do Maranhão: o turismo como resgate da memória e identidade. **Revista de Turismo Contemporâneo**, 2020, Vol.8 (2), p.316-336. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-prim.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. **A Pesquisa Científica**. Site CESAD, 2019. Disponível em: https://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/11315818082016Pratica_de_Pesquisa_I_Aula_2.pdf. Acesso em: 10 de out. de 2020.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2005. p. 7-87

TEISSERENC, Pierre. TEISSERENC, Maria José da Silva Aquino. Mobilização, conflitos e reconhecimento do território: comunidades quilombolas na Ilha do Marajó, Brasil. **Revista crítica de ciências sociais**, 2018 (115), p.51-74. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-prim.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

WILLIAMS, R. The Long Revolution. Harmondsworth:Penguins, 1965. In: HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte:Editora UFMG, 2013. 2ª Edição.